

REFLEXÕES DA LOGOTERAPIA PARA A PRÁTICA DA TERAPIA OCUPACIONAL

Reflections on logotherapy for the practice of Occupational Therapy

Reflexiones sobre la logoterapia para la práctica de la terapia ocupacional

Kátia Vanessa Pinto de Meneses

<http://orcid.org/0000-0001-9396-0665>

Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Curso de Terapia Ocupacional
Distrito Federal, DF, Brasil

Juliana Valeria de Melo

<http://orcid.org/0000-0002-0883-6609>

Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Curso de Terapia Ocupacional
Distrito Federal, DF, Brasil

Carolina Becker Bueno Lopes

<http://orcid.org/0000-0003-0488-4782>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina, Departamento de Terapia Ocupacional
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

Introdução: A Terapia Ocupacional é uma profissão da área da saúde cujo foco está no fazer humano, no engajamento ocupacional e na participação social. A Logoterapia é uma abordagem centrada no sentido da existência humana cujos pilares são: liberdade de escolha, vontade de sentido e sentido da vida. **Objetivo:** Refletir sobre a pessoa, o fazer e o sentido a partir da visão logoterapêutica e discutir sua aplicação na prática da Terapia Ocupacional. **Método:** Trata-se de um ensaio teórico a partir da interlocução dos conceitos da Logoterapia e da Terapia Ocupacional. **Resultados:** A visão ontológica de Viktor Frankl destaca a multidimensionalidade da pessoa humana, sendo a dimensão noética (ou espiritual) aquela que aponta para a realização de sentidos na vida. A pessoa, ao encontrar o sentido, atribui um significado ao seu fazer. Por sua vez, o fazer com significado reforça a identidade da pessoa para seu engajamento em diferentes contextos ocupacionais. **Conclusão:** A Logoterapia é uma abordagem de grande aplicabilidade na prática da Terapia Ocupacional, pois facilita o diálogo sobre meios de proporcionar a descoberta do sentido no fazer humano, promovendo o aprendizado auto direcionado com base em valores, reconhecimento de forças pessoais e autorresponsabilidade.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Logoterapia. Existencialismo

Abstract

Introduction: Occupational Therapy is a health profession whose focus is on human occupation, on occupational engagement and on social participation. Logotherapy is an approach centered on the meaning of human existence whose pillars are freedom of choice, will for meaning and meaning of life. **Objective:** To reflect on the human being, engagement in occupation and meaning from the logotherapeutic point of view and discuss its application in the practice of Occupational Therapy. **Method:** This is a theoretical essay based on the interlocution between concepts of Logotherapy and Occupational Therapy. **Results:** Viktor Frankl's ontology highlights the multidimensionality of the human being, considering noetic (or spiritual) dimension the one that points to the realization of meanings in life. When searching for meaning, the person attributes meaning to activities. In turn, participation in meaningful occupation reinforces the person's identity and engagement in different occupational contexts. **Conclusion:** Logotherapy is considered an approach applicable in the practice of Occupational Therapy, suggesting ways of discovering meaning in occupations, promoting self-directed learning, based on values, recognition of personal strengths and self-responsibility.

Keywords: Occupational Therapy. Logotherapy. Existentialism

Resumen

Introducción: La Terapia Ocupacional es una profesión de la salud cuyo foco está en el hacer humano, en el compromiso ocupacional y en la participación social. La logoterapia es un enfoque centrado en el sentido de la existencia humana cuyos pilares son: libertad de elección, voluntad de sentido y sentido de la vida. **Objetivo:** Reflexionar sobre la persona, el compromiso en la ocupación y el sentido desde el punto de vista logoterapéutico, y discutir su aplicación en la práctica de la Terapia Ocupacional. **Método:** Se trata de un ensayo teórico basado en la interlocución entre los conceptos de Logoterapia y Terapia Ocupacional. **Resultados:** La visión ontológica de Viktor Frankl destaca la multidimensionalidad de la persona humana, siendo la dimensión noética (o espiritual) la que apunta a la realización de sentidos en la vida. La persona, al encontrar el sentido, atribuye un sentido a su hacer. A su vez, el hacer con sentido refuerza la identidad de la persona para su inserción en diferentes contextos ocupacionales. **Conclusión:** La Logoterapia se presenta como un enfoque aplicable en la práctica de la Terapia Ocupacional, presentando medios para facilitar el descubrimiento de sentido a través de la reflexión, promoviendo el aprendizaje autodirigido, basado en valores, el reconocimiento de las fortalezas personales y la autorresponsabilidad.

Palabras clave: Terapia Ocupacional. Logoterapia. Existencialismo

Como Citar:

Menezes, K.V.P., Melo, J.V. & Lopes, C.B.B. (2023). Reflexões da logoterapia para a prática da Terapia Ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(1), 1511-1526. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto55428

1. Introdução

Ao longo do desenvolvimento da Terapia Ocupacional tem-se observado o uso de diferentes conceitos relacionados ao “fazer humano”, podendo este ser descrito a partir dos termos ocupação, atividade, práxis, ação, desempenho ocupacional, rotina ocupacional, afazeres diários, cotidiano, dentre outros (Poellnitz, 2018). O uso desses diferentes termos e conceitos foram influenciados por diversos fatores históricos, culturais, econômicos, políticos (Poellnitz, 2018) e pelos diferentes referenciais filosóficos, sociais e de saúde de cada período.

O uso terapêutico da ocupação foi aceito a partir do século XX para a reabilitação de incapacitados (De Carlo & Bartalotti, 2001). Acreditava-se que as ocupações eram fundamentais para a organização do comportamento, do estilo de vida e dos papéis sociais dos indivíduos (Cardinalli, 2017; Salles & Matsukura, 2016) e para a promoção de hábitos saudáveis (Drummond, 2007). O termo ocupação era destacado a partir da crença de que o trabalho era “essencial para a saúde, bem-estar e felicidade” (Salles & Matsukura, 2016, p. 16).

A partir da década de 1940, sob forte influência do modelo biomédico, o foco central passa a ser as incapacidades intrapsíquicas, musculoesqueléticas e neuromotoras e nos meios de restaurar ou compensar as funções alteradas (Cruz, Cordeiro e Tedesco, 2021) como forma de adaptar a pessoa à sociedade (Feriotti, 2013). As práticas terapêuticas passam o foco para o tratamento dos componentes da performance ocupacional e na melhora das funções (Cardinalli, 2017). A atuação da Terapia Ocupacional a partir do referencial biomédico sofreu críticas por se mostrar reducionista tendendo-se para a fragmentação da pessoa, por não levar em consideração outros contextos como o social ou emocional, além de apresentar pouca conexão com a vida ocupacional do cliente (Cruz, Cordeiro & Tedesco, 2021).

Uma nova perspectiva na Terapia Ocupacional se cria, a partir da década de 1980, onde “as atividades passam a ser valorizadas como um importante elemento articulador entre a pessoa e sua comunidade, na qual permite a emergência de produções significativas e desalienadoras” (De Carlo & Bartalotti, 2001 p. 45), no qual as intervenções são voltadas para o indivíduo e seu grupo social, de forma a criar condições de bem-estar e autonomia, construção social de espaços de vida e de expressão da diversidade. A saúde passa a ser compreendida para além da reparação do dano ou de um bem-estar físico-psíquico-social, incluindo a percepção subjetiva das pessoas sobre seu bem-estar, suas condições de vida e sobre o sentido da vida. Valoriza-se assim, tanto as necessidades humanas relacionadas às questões objetivas e básicas da existência, como alimentação, moradia, educação, transporte etc., quanto as questões subjetivas como o gosto pela vida, a percepção de seu estado de bem-estar e prazer, satisfação, envolvimento emocional com pessoas e atividades, propósito de vida e felicidade (De Carlo & Bartalotti, 2001).

A prática centrada na pessoa ganha destaque e amplia-se a visão de pessoa para além das dimensões física e psíquica. O Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional e Engajamento (Townsend & Polatajko, 2013), foi desenvolvido em 1997 e passou por desdobramentos em sua concepção sobre a pessoa, que atualmente, é compreendida como um ser com componentes físicos, afetivos e cognitivos, tendo a espiritualidade no centro. A espiritualidade é compreendida como a essência da pessoa, local onde se dá o estado de bem-estar e o significado às ocupações e, conseqüentemente, o significado de toda a vida da pessoa. É na espiritualidade que se encontra a verdade do ser. Neste sentido, "o engajamento em atividades cotidianas é uma experiência profunda de espiritualidade que favorece um espaço de criação de significados e auxilia o sujeito a responder questões existenciais sobre o sentido da vida" (Elmesany & Barros, 2015, p.21).

Estudos cada vez mais têm mostrado evidências de que o componente ou dimensão espiritual é parte da identidade humana, sendo essencial no processo de saúde e doença (Bertachini & Pessini, 2010). É por meio da dimensão espiritual que o indivíduo experimenta, expressa ou busca significado, propósito e transcendência e encontra recursos importantes para o enfrentamento de doenças graves, situações ou problemas complexos, considerados de difícil solução. Encontram-se nessa dimensão as decisões pessoais da vontade, a intencionalidade, o interesse prático e artístico, a religiosidade, o senso ético e a compreensão de valor (Lima Neto, 2013).

A expressão da identidade humana se dá pelo envolvimento em ocupações. A prática da Terapia Ocupacional enfatiza a importância da identidade ocupacional para uma vida saudável, produtiva e satisfatória (AOTA, 2020). A identidade ocupacional tem a ver com o significado subjetivo da vida ocupacional da pessoa e se refere a perguntas como: Quem sou eu? Quem eu quero ser no futuro? Se refere a uma definição complexa do Eu, incluindo papéis ocupacionais, relacionamentos, valores, autoconceito, desejos e metas pessoais (Cruz, Cordeiro & Tedesco, 2021). Porém há um perigo quando esta identidade ocupacional é construída a partir de fazeres não significativos ou quando leva a uma hipervalorização do fazer para além do ser, ou seja, valoriza o que a pessoa faz, seu desempenho e não quem ela é, sua dignidade como pessoa. Neste contexto, é importante questionar: "Sou porque faço ou faço porque sou"? O se tornar é consequência de escolhas relacionadas ao que eu gostaria de ser, o que eu quero ser e o que eu devo ser. Wilcock (1999) retrata a importância do equilíbrio dinâmico entre o ser, o fazer e o tornar-se para uma vida saudável. De acordo com esta autora, para se tornar no seu potencial, no que é mais adequado para se tornar, na melhor versão de si mesmo, a pessoa tem que ser fiel a si mesmo, à sua essência, à sua própria natureza e suas crenças.

De acordo com Wilcock (1999, p. 5), "Ser" é ser fiel a nós mesmos, à nossa natureza, à nossa essência e ao que nos distingue para trazer aos outros como parte de nossos relacionamentos e ao que fazemos. "Ser" nesse sentido requer que as pessoas tenham tempo para se descobrir, pensar, refletir e simplesmente existir.

Tentar ser o que os outros querem que sejamos é uma forma de tortura e morte espiritual certa. Não é possível obter todas as nossas definições de fora e manter nossa espiritualidade íntegra. Não podemos olhar para os outros para nos dizer quem somos, para encontrar nosso valor, nosso significado, e ainda ter qualquer ideia de quem somos. Quando buscamos nos outros a nossa identidade, gastamos a maior parte do nosso tempo e energia tentando ser quem eles querem que sejamos (Wilson Schaef, 1990, citado por Wilcock, 1990, p. 56, tradução nossa¹).

Para Rogers (2017), idealizador da Abordagem Centrada no Cliente, é mais eficaz quando se consegue ouvir a si mesmo aceitando-se como uma pessoa imperfeita e que nem sempre atua como gostaria de atuar. Reforça a importância de se permitir e dar liberdade para que cada pessoa desenvolva a própria liberdade interior, para que possa atingir uma interpretação significativa para a própria existência. "Não podemos mudar, não nos podemos afastar do que somos enquanto não aceitarmos profundamente o que somos" (Rogers, 2017, p. 33).

Neste contexto a Terapia Ocupacional se apresenta como um meio de guiar a pessoa até a sua verdade. Não compete ao terapeuta impor à pessoa a sua própria verdade, mas conduzir a pessoa para a revelação da verdade segundo sua própria perspectiva. Para isso, é necessário ampliar a compreensão da pessoa, do fazer humano e do sentido desse fazer, a partir da resignificação do cotidiano e na ênfase na pessoa de forma a considerar valores, significados e motivações pessoais (Poellnitz, 2018). Neste ensaio, tais conceitos serão apresentados a partir de Jorge (1990); Townsend & Polatajko, (2013); Wilcock (1999); Kielhofner (2002), para refletir sobre a prática da Terapia Ocupacional e possibilidades de interlocução com a Logoterapia.

A Logoterapia e Análise Existencial é uma abordagem centrada no sentido que pode ser somada ao raciocínio do terapeuta ocupacional em sua compreensão sobre a pessoa. A Logoterapia é considerada a Terceira Escola de Psicoterapia Vienense, criada por Viktor E. Frankl, um neuropsiquiatra austríaco que viveu no século XX. Dedicou-se desde jovem a estudar o sentido da vida em linhas da psicologia e da filosofia. Durante o período de 1942 a 1945, foi prisioneiro de quatro campos de concentração nazista e colocou em prática seus conhecimentos sobre a Logoterapia. Após sua libertação, o relato de sua experiência foi difundido para o mundo (FRANKL, 2016a). Segundo Frankl (2021) para se compreender a realidade humana em sua dimensionalidade integral, é necessário compreender o ser, ou o "eu sou", para além das necessidades e das possibilidades. Isto significa ultrapassar os aspectos do "eu preciso", do "eu tenho de" (ou seja, sou forçado por certas condições e determinantes, impulsos e instintos, hereditariedade e fatores e impactos ambientais) e do "eu posso" (isto é, tenho capacidade de realizar este ou aquele aspecto de meu ser), para atingir os aspectos do "eu devo". Para Frankl (2020) o que

¹ Trying to be what others want us to be is a form of slow torture and certain spiritual death. It is not possible to get all our definitions from outside and maintain our spiritual integrity. We cannot look to others to tell us who we are, give us our validity, give us our meaning, and still have any idea of who we are. When we look to others for our identity, we spend most of our time and energy trying to be who they want us to be.

“eu devo” fazer, contudo, é cumprir e preencher o sentido concreto que a vida apresenta e desafia em cada situação da vida.

Para Frankl, a busca por sentido é a principal motivação da pessoa, pois “o ser humano tem uma orientação primeira e natural para criar e para realizar valores” (Frankl, 2011, p. 47). Essa orientação é inerente ao ser humano e indispensável à saúde mental (Frankl, 2020). O autor a denomina como vontade de sentido, ou seja, “o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (Frankl, 2011, p. 50). Se trata de uma tensão entre o ser (existência) e o sentido (essência); uma tensão entre aquilo que a pessoa é e aquilo que ela deve tornar-se; entre a situação atual e a situação ideal que ela deve tornar real.

Para Frankl (2016b), o encontro do sentido se dá por meio da realização de tarefas significativas e é possível realizar sentidos mesmo em situações adversas como problemas de saúde e incapacidades graves. O autor apresenta três caminhos que levam a pessoa a alcançar a plenitude de sentido na vida. O primeiro caminho é quando a pessoa é capaz de oferecer algo ao mundo e desta forma realiza valores de criação como atividades intelectuais, artísticas, de trabalho e de realização profissional; o segundo é quando a pessoa percebe que pode receber algo da vida, realizando valores de vivência como no amor a uma pessoa ou na relação com a natureza; o terceiro se refere à atitude tomada frente a uma circunstância imodificável, realizando desta forma valores atitudinais.

De acordo com o autor, a vida humana não cessa de ter sentido sob nenhuma circunstância e diferencia o valor útil (utilidade) de valor da pessoa (dignidade). “Uma coisa pode ter valor para mim, um valor efetivo; só uma pessoa, porém, é capaz de ter dignidade, e essa dignidade representa em si um valor [...] O valor útil social de uma pessoa nada tem a ver com a sua dignidade” (Frankl, 2019b, p.259). Considera privilégio saber sofrer, saber se posicionar diante da culpa e considerar a transitoriedade e a finitude da vida. Assim, o sofrimento e as incapacidades não são vistos como uma condição que tira o sentido da vida, mas que proporciona um novo sentido.

Nessa direção, este ensaio teórico buscou refletir sobre a pessoa, o fazer e o sentido, a partir dos conceitos da Logoterapia e discutir sua aplicação na prática da Terapia Ocupacional.

2. Ensaio Teórico

A PESSOA

Para Frankl (2016c) o ser se define como uma unidade apesar da pluralidade das dimensões. Quando se reduz o ser a apenas uma dimensão, quer seja ela biológica, psicológica, antropológica ou mesmo espiritual, as diferenças ficam camufladas e há o risco de massificação e de uma visão reducionista e desfigurada do ser (Xausa, 1986). A Figura 1 apresenta uma forma didática da percepção das autoras

sobre as dimensões humanas e como elas se relacionam entre si formando sua unidade à luz da Terapia Ocupacional (AOTA, 2015), (Townsend & Polatajko, 2013), e da visão ontológica frankliana. Neste esquema o ser humano é representado pelas dimensões física, anímica (psíquica) e espiritual (noética).

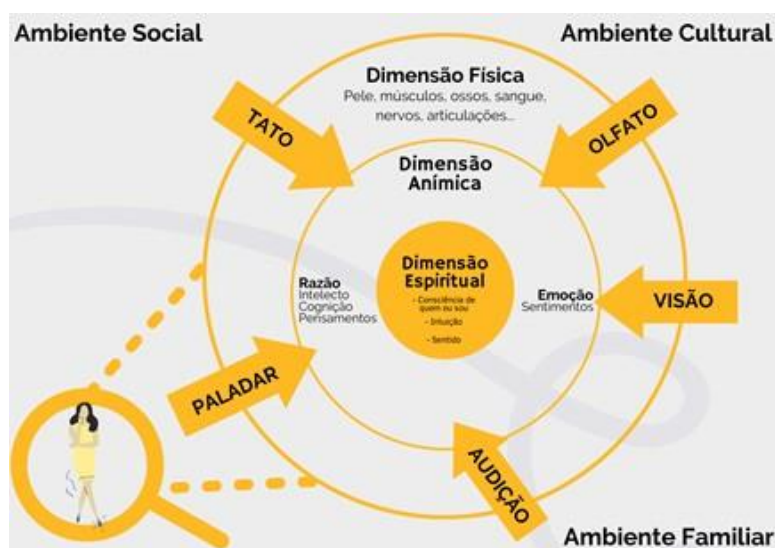


Figura 1: Representação didática das dimensões humanas
Fonte: Elaborado pelas autoras

A dimensão física é dada pela hereditariedade e produz fenômenos somáticos; a dimensão psíquica é dirigida pela educação e produz fenômenos psíquicos; a dimensão espiritual, contudo, não pode ser educada e é responsável pelas diferenças específicas e essenciais do ser humano (Xausa, 1986).

A dimensão física ou corporal representa tudo o que é visível e palpável como pele, ossos, músculos, articulações, nervos e sangue. É a parte biológica, mais primitiva, voltada às necessidades fisiológicas, aos desejos, vícios, prazeres e instintos. Representa o nível de necessidade de satisfação humana necessário para a sobrevivência. Corresponde à parte objetiva do desempenho ocupacional. Por meio da dimensão física, uma grande variedade de estímulos e informações provenientes do ambiente externo são captados pelos órgãos sensoriais e processados pelo cérebro de forma a organizar e interpretar as informações recebidas (equilíbrio, gravidade, posição do corpo, toque, cheiro, paladar, visão e audição) para que o mundo nos faça sentido e possamos agir sobre ele (Serrano, 2016), a partir dos registros dessas informações na dimensão anímica.

A dimensão anímica ou psíquica é dividida entre razão (intelecto, cognição e pensamentos) e emoção (sentimentos). Os registros sensoriais, gravados desde a infância, vão ser a base para o desenvolvimento de muitas competências como a linguagem, atenção, memória e pensamento abstrato, além de modelar a forma como a pessoa estará ou não disponível para se envolver em determinadas atividades (Serrano, 2016). "A cada uma das sensações recebidas, é atribuído um significado dependendo do tipo de experiência vivida, ou seja, se a pessoa associou a experiência a uma sensação de prazer, desconforto, medo ou dor" (Serrano, 2016, p.11). Desta forma, as informações sensoriais recebidas e gravadas

durante a vida formam crenças e moldam a personalidade, direcionando a forma como as pessoas pensam, sentem e se comportam. É na dimensão anímica que se instalam princípios, virtudes, vícios, condicionamentos, traumas, justificativas e vitimismo.

A dimensão espiritual ou noética representa o centro, a essência do ser e se manifesta por meio das dimensões física e anímica. É na dimensão espiritual que se encontra a consciência de quem eu sou, a intuição, a busca pelo sentido e significado. A existência acontece no espírito, no entanto, a dimensão espiritual não é teológica, mas humana, antropológica (Frankl, 2016b) e vai além do religioso ou supranatural (Xausa, 1986). A consciência espiritual leva à consciência do ser, que se manifesta a partir do momento em que se assume a responsabilidade perante o sentido da vida, e, quando não o assume, surge o adoecimento. A frustração e o vazio existencial refletem esse adoecimento que acontece quando a pessoa deixa de ser coerente com seus valores. Esta incoerência leva a conflitos com sua consciência e a manifestações somáticas (Frankl, 2016b).

Para Frankl (2016d) a pessoa tem a liberdade e a responsabilidade para fazer escolhas. Esses atributos são essenciais para definir seu estado atual de vazio ou plenitude na vida. A partir desta consciência, ser pessoa significa, portanto, ser-consciente e ser-responsável pela realização de atos que a levem a transcender, ou seja, ir além de si mesma. Desta forma a pessoa, por força de sua dimensão espiritual, pode encontrar sentido em cada situação da vida para responder de forma adequada (Frankl, 2019b). Essa resposta significa dirigir-se e ordenar-se para algo ou alguém (Frankl, 2016c). A partir dos conceitos de supra sentido, pseudo sentido e vazio existencial proposto por Frankl, neste ensaio foi criada uma analogia do homem com um ônibus amarrado em uma árvore, conforme Figura 2.



Figura 2: Analogia do homem com um ônibus amarrado em uma árvore
Fonte: Elaborado pelas autoras

O ônibus representa toda a dimensão física. O motor representa os músculos, os pneus representam os membros e, a gasolina, o combustível que gera a energia para que ele mova. Porém, o ônibus também pode se mover por uma força externa, como a força da gravidade no caso de um freio de mão não acionado ou por alguém que o empurre por falta de combustível.

Os passageiros e o copiloto representam a dimensão anímica: pensamentos e sentimentos vivenciados e que direcionam a forma de pensar, sentir e se comportar. A corda que prende o ônibus à árvore representa os traumas familiares, sociais ou culturais bem como condicionamentos e crenças limitantes que muitas vezes impedem a pessoa de prosseguir. Preso à árvore o ônibus consome energia e não consegue seguir seu caminho. Mas, seguir para onde? O que realmente faz sentido e orienta o seu mover? De acordo com Frankl (2016c), o indivíduo necessita de um ponto fixo no futuro, um suprasentido que transcende a matéria, sem o qual não consegue propriamente existir. Olhar em direção ao final e a um objetivo marcado no futuro forma precisamente o apoio espiritual necessário para ser livre para fazer escolhas conscientes e responsáveis e não sucumbir perante as forças externas que se encontram pelo caminho, podendo levar ao vazio existencial e a pseudo-sentidos. Ademais, a pessoa precisa de uma certa medida de tensão (Frankl, 2019a) para transcender a si mesmo, ou seja, usar sua liberdade para desatar a corda e agir no mundo integrando todos os aspectos de sua existência.

O motorista, guiado pelo "GPS"² da sua consciência, representa a dimensão espiritual. É neste local que se encontra a essência do ser e o sentido que direciona e conduz o caminho. A pessoa é impulsionada por instintos, mas é refreada por sua consciência, estando livre para fazer escolhas de acordo com seus valores e se tornando responsável pelas consequências de cada escolha (Frankl, 2011). Se a pessoa "quer ser fiel à sua essência, deve obedecer, incondicionalmente, à própria consciência, ainda que saiba a possibilidade de erro" (Frankl, 2011, p.85).

Na Terapia Ocupacional, Jorge (1990), tem uma importante contribuição no que se refere à consciência humana, e suas teorias se aproximam da Logoterapia. Para o autor, a especificidade e o mecanismo de cura da Terapia Ocupacional residem nos objetos concretos e na realização de atividades livres e criativas, com fim em si mesmas e capazes de gerar consciência. "O objeto concreto gera consciência, posto que o conceito enquanto permanece desprovido de um corpo não passa de ideal, a sua concretização corresponde ao real que assim gera consciência de que algo existe" (p. 56). Propõe que o foco central da Terapia Ocupacional esteja na pessoa e no elemento de coesão do trabalho livre e no potencial criativo de cada sujeito para a solução de suas tensões. Neste sentido, cabe ao terapeuta ocupacional ser o constante facilitador dessa conversa do ser consigo mesmo e atuar criticamente em tudo que impeça o fazer livre e criativo pela pessoa, direcionando para que o fazer se transforme na atualização do objeto interno na realidade concreta. "A obra, porém, só tem esta representatividade

² Analogia da consciência da pessoa com o *Global Positioning System* - GPS

(atualização) se se harmonizar com o espírito” (Jorge, 1990, p. 60) e “o espírito se reconhece naquilo que faz, desde que o faça livremente” (Jorge, 1990, p.67).

O FAZER

De acordo com Frankl (2011 p.105), “nenhum instinto diz ao homem o que ele deve fazer [...] e, contrariamente ao que ocorria nas gerações passadas, nem convenções, nem tradições, nem valores orientam o homem de hoje sobre o que ele deveria fazer” e, atualmente, o homem “mal sabe o que deseja fazer”. Esses estados levam a pessoa a fazer o que os outros fazem (conformismo), a fazer o que os outros querem que ela faça (totalitarismo) ou a desocupação, situações estas que levam ao adoecimento (Frankl, 2011).

Compreendendo que o fazer pode gerar tanto saúde e bem-estar quanto adoecimento, é necessário refletir sobre o que tem direcionado a escolha do ser para seu fazer. Para Frankl (2016c), o caráter de algo único, irrepetível, sempre depende da pessoa e não do que ela faz; depende de quem faz e de como o faz. O fazer por si mesmo não é suficiente para dar valor e tornar a pessoa insubstituível; o fazer é simplesmente um meio de expressão do ser, daquilo que há de pessoal, específico, conferindo o caráter único, por meio do qual se oferece uma oportunidade de realizar sentido na vida. Assim a pessoa, estando consciente de quem é e, tendo em mente quais são seus valores, é capaz de fazer escolhas livres para um fazer genuíno. É necessário, portanto, encontrar no fazer um valor superior à atividade em si mesma (Frankl, 2016c). É compreender que o valor não está no que temos ou fazemos, mas no significado que damos ao que temos ou fazemos no nosso dia a dia.

Para Townsend & Polatajko (2013, p. 61) o significado é o que nós criamos para nós mesmos em nossa mente para explicar experiências e que, por sua vez, motiva e estimula a criação de novas experiências. Nosso senso de significado e propósito é essencialmente comunicado aos outros através do que nós dizemos, como nós dizemos e o que nós fazemos. A forma que vestimos, as escolhas que fazemos para preencher o tempo livre e a maneira como ganhamos a vida são meios que expressam nosso próprio significado pessoal. A profunda ligação entre significado e ocupação está entrelaçada naquilo que acreditamos, em quem somos e no eu que retratamos ao nosso ambiente externo através da ocupação.

Apesar do termo atividade se opor ao conceito de passividade, de se referir a uma condição de ser ativo, não necessariamente se refere a um fazer intencional, livre, criativo e significativo para a pessoa. Não se trata de uma construção social, mas de uma descoberta pessoal, individual, tendo em vista que o significado é dado pela pessoa, de forma subjetiva, única e pessoal. O fazer significativo é diferente de uma necessidade fisiológica (ex: Preciso comer para viver), de um instinto (ex: Quero comer um bolo de chocolate) ou busca por recompensas (ex: Vou ajudar na cozinha para ganhar elogios). O fazer significativo está relacionado com liberdade, sentido, escolha, valores e conquista pessoal. Representa a expressão do mundo interno da pessoa, do seu ser espiritual.

Na Terapia Ocupacional o ser humano é compreendido como um ser essencialmente ocupacional e é impossível imaginar o mundo dos humanos sem a participação em diferentes contextos ocupacionais. As pessoas passam a vida empenhadas em um fazer proposital, mesmo quando estão livres de obrigações ou necessidades. A evolução humana tem sido preenchida com fazeres contínuos e progressivos, que, além de permitir a sobrevivência da espécie, tem estimulado, entretido e excitado algumas pessoas e entediado, estressado, alienado ou deprimido, de acordo com o que foi feito (Wilcock, 1999).

De acordo com a Associação Americana de Terapia Ocupacional – AOTA (2020), o engajamento na ocupação se dá como resultado da escolha, motivação e significado dentro de um contexto (incluindo fatores pessoais e ambientais) e inclui aspectos objetivos e subjetivos das experiências do indivíduo envolvendo a interação entre corpo, mente e espírito.

O Modelo da Ocupação Humana descrito por Kielhofner (2002) descreve a importância do significado como a força central que leva ao engajamento ocupacional. Esse engajamento se dá pela escolha individual a partir dos valores da pessoa. O valor é único para cada pessoa e pode mudar ao longo da vida, além de ser influenciado por fatores sociais e culturais.

De acordo com Townsend & Polatakjo, (2013) a saúde é fortemente influenciada pelas possibilidades de se fazer escolhas e pelo controle sobre as ocupações diárias. A saúde apresenta duas dimensões: uma dimensão pessoal, associada ao significado espiritual e à satisfação em ocupações, e uma dimensão social, associada à justiça e à equidade de oportunidades em ocupações. As preocupações com a justiça estão relacionadas às escolhas significativas e à inclusão social, de forma que todas as pessoas possam participar o mais plenamente possível na sociedade. “Quando indivíduos engajam em ocupações significativas que promovem sentimentos de autovalorização e confiança, são mais motivados a engajar em outras ocupações significativas e resultam em sentimentos de satisfação e prazer” (Townsend & Polatakjo, 2013, p. 60).

De acordo com essas autoras, perdas ocupacionais podem impactar negativamente na saúde e no bem-estar, afetando o senso de identidade e de autoeficácia. Uma incapacidade adquirida, por exemplo, pode romper com uma ocupação usual da pessoa e gerar a necessidade de busca de novos hábitos ocupacionais. Já as alienações ocupacionais ocorrem quando forças externas modulam as escolhas ocupacionais de tal forma que elas não mais se ajustam ao potencial ou às aspirações da pessoa (Townsend & Polatakjo, 2013). Alguns exemplos são o aumento de demandas tecnológicas, sobrecarga de trabalho, perda de adequadas características ergonômicas ou interações sociais e perda do sentido da vida. No nível pessoal, a alienação ocupacional pode gerar estresse e sentimentos de inadequação e futilidade que, por sua vez, pode induzir insônia, comportamentos viciantes, depressão, aumento de lesões relacionadas ao trabalho e afetar as relações sociais.

Para Jorge (1990), o agir no mundo externo por vontade e com liberdade, no ato livre de criar, permite ao ser se expressar e se formar no e sobre o mundo externo e, a partir de então, compreender a relação de ambos. "A Terapia Ocupacional procura, com atividades livres e criativas, o particular – fenômeno de construção pessoal de cada indivíduo particularmente" (Jorge, 1990, p. 10). Implica na construção da pessoa para si antes que para os outros, considerando sua própria verdade. O fazer antecede a fala e gera consciência e, neste sentido, as atividades livres e criativas e os objetos concretos assim construídos se apresentam como instrumentos de busca, de encontro e de expressão da verdade do ser; "instrumentos de conscientização das ideias, por oferecerem múltiplas maneiras de expressão ao espírito e porque os objetos assim conseguidos são essencialmente produtos da atividade espiritual" (Jorge, 1990, p. 13).

As atividades colocam ao alcance da intuição o que agiganta e agita a alma humana, e o fazem através da aparência do objeto que desperta da consciência de que algo existe, acordando sentimentos adormecidos, revolvendo-os em sua profundidade, riqueza e variedade... São fim em si mesmas, posto que são validantes da humanidade do homem. Nesse sentido, a liberdade se realiza plenamente no aqui e agora, sem que esta imediaticidade se desvincule do passado e impeça o movimento para o futuro, pois o homem é histórico (Jorge, 1990, p. 15).

São as atividades ou o trabalho que tornam a pessoa verdadeiramente humana pois se apresentam como a confirmação da pessoa como ser consciente do que ela é. Permitem à pessoa criar, fazer, produzir e conformar a si mesmo e seu mundo; "ultrapassar o que é e o que devia ser e autoriza o que quer ser" (Jorge, 1990, p. 16).

O SENTIDO

De acordo com Frankl (2021), a busca por um sentido é a principal força motivadora do ser humano e este só é capaz de realizar-se à medida que cumpre esse sentido, o que lhe permite realizar o máximo de suas potencialidades. O sentido é algo objetivo, concreto e latente nas diferentes situações do dia a dia. Sua descoberta se dá pela orientação da consciência [*Gewissen*], que é compreendida como a capacidade intuitiva de descobrir o rastro do sentido, único e singular, escondido em cada situação (Frankl, 2015).

A consciência para Frankl, vai além de mera censura, incluindo a percepção de sentidos, de valores, de responsabilidade e de decisão. Para esse autor, o conceito de liberdade da vontade se trata da liberdade de escolher a partir do ser consciente e do ser responsável. Inclui o conceito de consciência pré-reflexiva como uma função essencialmente intuitiva daquilo que deve se tornar real ou daquilo que deve ser feito. Desta forma, é a consciência que orienta a descoberta do sentido único, exclusivo e oculto em cada situação e a pessoa se encontra livre para escolher dar ouvidos ou rejeitar a advertência de sua consciência. O valor transcendente relacionado à consciência geralmente é atribuído como "a voz da

consciência”, porém, este é um fenômeno que transcende a condição humana (Frankl, 2017). E esse diálogo interior acontece quando o indivíduo fala consigo mesmo com a máxima sinceridade e em absoluta solidão (Frankl, 2005). Na mesma direção, Vizzoto (2021) compreende a consciência como um diálogo interior ou comando autoinstrucional que influencia e direciona seu fazer. Consciente do sentido (que é objetivo), um significado (que é subjetivo) pode ser atribuído ao fazer. O ser, ao encontrar o sentido, atribui um significado ao seu fazer. O fazer com significado reforça a identidade do ser por meio de ações que atualizam o seu ser em potencial, conforme ilustração criada pelas autoras (Figura 3). O tornar-se está relacionado com o senso de futuro, com noções de transformação, de autoatualização e de transcendência.



Figura 3- Transformação do ser em potencial por meio do fazer com significado.
Fonte: Elaborado pelas autoras

Um dos maiores problemas encontrados na atualidade é o vazio existencial, que se compreende por um profundo sentimento de que a vida não tem sentido ou a negação do sentido da vida (Frankl citado por Xausa, 1986). É o vazio que leva a uma laboriosidade profissional excessiva; ao refúgio nos esportes; à fuga neurótica para o mundo dos romances, séries, internet; à necessidade de nunca se deixar descansar ou à febre de novas ações e novas experiências - especialmente a agressividade, adição e alcoolismo - afetando seriamente a orientação vital da pessoa. Assim, quando a consciência e a liberdade deixam de exercer suas atribuições na vida da pessoa, acontecem diferentes formas de alienação e pseudo-sentidos são forjados (Xausa, 1986).

Para que a pessoa reconheça sua essência e que seu fazer seja o reflexo dessa essência, precisa estar atenta aos estímulos advindos do meio externo em que vive, como ambientes sociais, culturais e familiares de forma a não se permitir ser guiada por esses condicionamentos e não ser moldada por referenciais distantes de seus próprios valores. Além disso, Frankl (2019a) ressalta que o sentido da vida humana é orientado à comunidade e que só se atinge a individualidade plena na comunidade. Mas, a partir do momento que a pessoa se orienta às massas sociais e se ajusta a coletivismos, perde a responsabilidade individual e se despersonaliza. Em outras palavras, deve saber o que é e o que não é importante, o que é fundamental ou não, o que tem sentido para si e o que não tem.

Ainda de acordo com Frankl (2015), o que a pessoa realmente quer não é a felicidade em si, mas um motivo para ser feliz e, por isso, o busca. Já o sentimento, a sensação de bem-estar interior e de realização pessoal é compreendido por Frankl (2016b, 2016c) como uma consequência do sentido realizado e não como meta a ser alcançada. Assim, quando a pessoa tem consciência de quem ela é e tem em mente quais são seus valores e seu papel no mundo, consegue ter clareza dos reais motivos que a levam a ação, obtendo pelo fazer, o sentimento de felicidade e de realização pessoal.

Um exemplo disso é uma intervenção terapêutica ocupacional realizada por uma das autoras deste ensaio, em que, uma idosa, moradora de uma instituição de longa permanência, se recusava a participar de todas as atividades propostas. Um dia, após assistir a um noticiário sobre um desabamento de terras numa região residencial atingindo várias famílias com crianças pequenas, resolveu fazer sapatinhos de crochê com objetivo de enviar àquelas famílias que haviam perdido tudo no desabamento. Encontrou assim, sentido fora de si mesma, no ato de ajudar outras pessoas e, por meio do fazer, conseguiu concretizar esse sentido. O resultado desse sentido realizado foi a realização pessoal e o sentimento de bem-estar interior.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que o fazer pode gerar tanto saúde quanto adoecimento à pessoa, o grande desafio da Terapia Ocupacional é possibilitar o encontro do sentido e, a partir do sentido, orientar o fazer com significado. O fazer não deve dar a identidade da pessoa e sim reforçar a identidade de quem ela é em sua essência.

Percebe-se assim a importância dos profissionais de Terapia Ocupacional se aprofundarem em conhecimentos relacionados à multidimensionalidade da pessoa, incluindo a dimensão espiritual, e às variáveis subjetivas relacionadas ao desempenho ocupacional. Nessa direção, recomenda-se que o profissional de Terapia Ocupacional busque novas abordagens e ferramentas que estimulem a pessoa à descoberta do sentido por meio de sua autoconsciência e promovam o aprendizado auto direcionado, com base em seus valores, o reconhecimento de forças pessoais, identidade e autorresponsabilidade. A identidade ocupacional só pode ser descoberta pela própria pessoa. O fazer humano deve ser um meio de realização de sentido e em nenhum momento deve ser imposto pelo terapeuta. O objetivo da terapia deve ser levar a pessoa ao encontro com a verdade dentro dela e, a partir dessa verdade, agir no mundo com propósito e significado.

A abordagem da Logoterapia se mostra importante para a prática da Terapia Ocupacional pois compreende a pessoa em suas diferentes dimensões e possibilita a orientação para o encontro com o sentido, para a aspiração de valores, ao encontro do sentido no sofrimento, para o reconhecimento da dignidade da pessoa e para a consciência do ser livre e responsável. Esse esclarecimento leva à compreensão de que a pessoa não deixa de ser quem ela é quando impossibilitada de fazer (devido a

um acidente, doença, aposentadoria ou em cuidados paliativos) e reforça a dignidade da pessoa independente de condicionamentos físicos, psíquicos e sociais.

A partir das reflexões levantadas neste ensaio teórico, defendemos a importância da centralidade na pessoa como um ser único, multidimensional, irrepitível, livre, responsável e capaz de auto transcender-se para que haja um real sentido para o engajamento nas ocupações.

Finalizamos com um trecho do depoimento de Jerry Long após o acidente que o deixou tetraplégico aos 17 anos: “vejo minha vida cheia de sentido e de objetivos. A atitude que adotei naquele dia fatal se transformou no credo da minha vida: eu quebrei o meu pescoço, não quebrei o meu ser” (Frankl, 2020, p. 169).

REFERÊNCIAS

American Occupational Therapy Association. (2020). Occupational therapy practice framework: domain and process. *American Journal of Occupational Therapy*. (4th ed.). <https://doi.org/10.25766/671r-0c18>

Bertachini L.; Pessini L. (2010). A importância da dimensão espiritual na prática dos cuidados paliativos. *Rev. Cent. Univ. São Camilo*. 4(3): 315-536. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bic-3574>

Cardinalli, I. (2017). *Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8496>

Cruz, D.M.C.; Cordeiro, J.J.R.; Tedesco, S.A. (2021). O modelo de ocupação humana: teoria e avaliação da participação funcional e papel ocupacional. In: Oliveira, A.M; Vizzotto, A.D.B.; Mello, P.C.H.; Buchain, P. *Terapia Ocupacional em neuropsiquiatria e saúde mental*. Manole.

De Carlo, M.M.R.P.; Bartaloti, C.C. (2001). *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. Plexus.

Drummond, A.F. (2007). Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: fundamentação & prática*. Guanabara Koogan.

Elmesany, E.N.M.; Barros, M.L.P. (2015). Espiritualidade e Terapia Ocupacional: reflexões em cuidados paliativos. *Revista NUFEN: phenomenology and interdisciplinarity*, 7(2), 42-54. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000200002

Feriotti, M.L. (2013). Construção de identidade(s) em Terapia Ocupacional no contexto das transformações paradigmáticas da saúde e da ciência. In E. M. M. Pádua & M. L. Feriotti (Eds.), *Terapia Ocupacional e complexidade: práticas multidimensionais*. (pp. 43-70). CRV.

Frankl, V.E. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo*. Ideias e Letras.

Frankl, V.E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Paulus.

Frankl, V.E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar uma razão de viver*. É Realizações.

Frankl, V.E. (2016a). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. (6a. ed.). Quadrante.

Frankl, V.E. (2016b). *Sede de Sentido*. (5a. ed.). Quadrante.

Frankl, V.E. (2016c). *Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. (40a. ed.). Quadrante.

Frankl, V.E. (2016d). *Teoria e terapia das neuroses: Introdução à logoterapia e à análise existencial*. É Realizações.

Frankl, V.E. (2019a). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. (7a. ed.). Quadrante.

Frankl, V.E. (2019b). *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. É Realizações.

Frankl, V.E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. É Realizações.

Frankl, V.E. (2021). *A falta de sentido: um desafio para a psicoterapia e a filosofia*. Auster.

Jorge, R.C. (1990). *O Objeto e a especificidade da Terapia Ocupacional*. GESTO.

Kielhofner, G. (2002). *A model of Human Occupation: Theory and application*. (3th ed.), Baltimore.

Lima Neto V.B. (2013). A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. *Rev. Abordagem Gestalt*, 19(2): 1-10. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200010

Poellnitz, J.C. (2018). *Atividade, cotidiano e ocupação na Terapia Ocupacional no Brasil: usos e conceitos em disputa* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9818>

Rogers, C.R. (2017). *Tornar-se pessoa*. (6a. ed.). Martins Fontes

Salles, M. M.; Matsukura, T. S. (2016). Conceitos de ocupação e atividade: os caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In Salles, M. M.; Matsukura, T. S. (Eds.), *Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação: perspectivas da Terapia Ocupacional no campo da saúde mental*. EdUFSCar.

Serrano, P. A. (2016). *A Integração Sensorial no desenvolvimento e aprendizagem da criança*. Papa-Letras.

Townsend, E.A.; Polatajko, H.J. (2013). *Enabling occupation II: advancing an occupational therapy vision of health, well-being, and justice through occupation*. CAOT

Vizzotto, A.D.B. (2021). Método Occupational Goal Intervention (OGI): treino de funções executivas por meio de atividades funcionais. In Oliveira, A. M., Vizzotto, A. D. B., Mello, P. C. H., & Buchain, P. (Org), *Terapia Ocupacional em Neuropsiquiatria e saúde mental*. (pp. 340-355). Manole.

Xausa, I.A.M. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Vozes.

Wilcock, A. (1998). Reflections on doing, being and becoming. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 46(1). <https://doi.org/10.1046/j.1440-1630.1999.00174.x>

Contribuição das autoras: K.V.P.M. foi responsável pela concepção e redação do texto, organização das fontes, criação e edição das figuras. J.V.M. foi responsável pela concepção e redação do texto, organização das fontes e criação das figuras. C.B.B.L. foi responsável pela revisão do texto.

Recebido em: 07/11/2022

Aceito em: 05/02/2023

Publicado em: 28/02/2023

Editor(a): Ana Carollyne Dantas de Lima